

UM NOVO OLHAR SOBRE UMA HABITAÇÃO SOCIAL IMPLANTADA EM UM DOS BAIRROS MAIS PERIFÉRICOS DE JOINVILLE

Guilherme Rocha¹
Gabriella Roesler Radoll²

Resumo: Esta obra é fruto de uma visita feita a um condomínio residencial destinado a famílias de baixa renda e contemplados pelo programa Minha Casa Minha Vida em um dos bairros mais periféricos de Joinville – SC. Teve como propósito conhecer de perto a situação de seus moradores, buscando saber como são suas relações tanto de vizinhança quanto com o espaço construído e como se identificam neste espaço.

Palavras-Chave: Programa Minha Casa Minha Vida. Pós-ocupação. Psicologia Ambiental.

¹Graduando do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Católica de Santa Catarina – Unidade Joinville. E-mail: guilherme.arq@outlook.com.br.

² Possui graduação e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo em 2011 e 2014, respectivamente. Atualmente é professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Católica de Santa Catarina – Unidade Joinville. Email: gabriella.radoll@catolicasc.org.br.

Abstract: The work here presented is due to a visit made to a low profile residential condominium where the residents were beneficiaries of the federal housing program “Minha Casa Minha Vida” in one of the distant places from downtown Joinville located in the South Brazil. The study case aimed to get to know their residents, the relationships that they establish with the surrounding areas as well as the rest of the city, and to comprehend their appropriation of the built space.

Key words: Program Minha Casa Minha Vida. Post-occupancy. Environmental Psychology.

INTRODUÇÃO

O Jardim Paraíso é uma área periférica da zona norte da cidade de Joinville, com 18.072 habitantes (estimativa de 2014) e rendimento médio mensal em salário mínimo de 1,16 sm/mês. Cubatão é o nome pelo qual o bairro era conhecido antes de receber o nome atual. “A área é caracterizada por uma ocupação antiga, composta por lusitanos, caboclos, negros e germânicos, além de esparsa e baseada nas atividades agrícolas, enfrentando diversas dificuldades relacionadas à falta de infraestrutura” (SEPUD, 2015, p.53), além disto, o bairro inicialmente era pertencente ao município de São Francisco do Sul, mas em 6 de abril de 1992 foi anexado a cidade de Joinville. A implantação dos loteamentos Jardim Paraíso I, II, III e IV na região foi responsável pelo atual nome do bairro, que hoje possui população caracteristicamente imigratória de outras regiões do Brasil, em particular do estado do Paraná. Rodeado de indústrias, a ocupação deste bairro muito se parece com a forma de ocupação das vilas operárias, pela característica de se instalarem próximo ao trabalho nas indústrias.

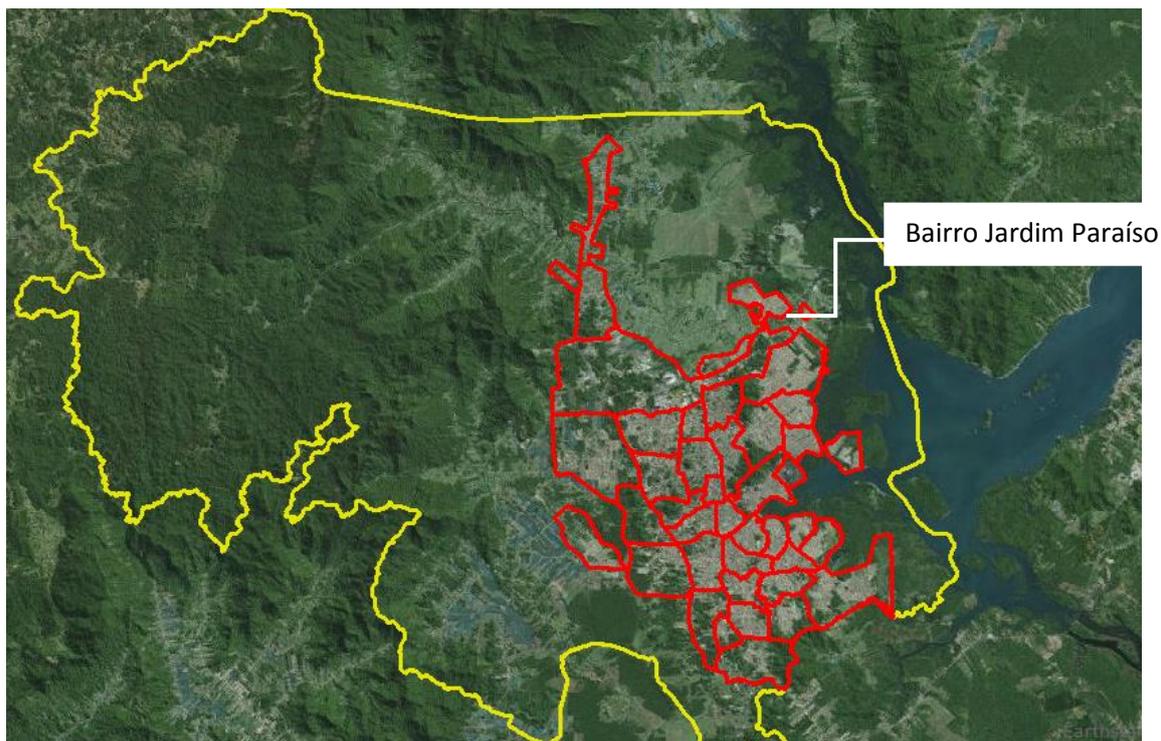


Figura 1 – Localização do bairro Jardim Paraíso (em amarelo limite do município de Joinville e em vermelho limite dos bairros). Fonte: SIMGEO – disponível em <https://simgeo.joinville.sc.gov.br/>.

Assentado no limite deste bairro que é um fragmento socioespacial segregado do extremo da área urbana de Joinville (figura 1), onde a população enfrenta estereótipos de marginalidade e violência por parte de moradores de outras localidades, está um dos maiores condomínios de habitação social da cidade, o Engenheira Rubia Kaiser. Inaugurado em 2014, o empreendimento conta com dois condomínios Engenheira Rubia Kaiser A e Engenheira Rubia Kaiser B, num total de 20 blocos por condomínio de 16 apartamentos cada e um número estimativo de 2.300 moradores (figura 2). Num local aparentemente esquecido e que carece de tantos investimentos em estrutura urbana, e principalmente segurança pública, chama a atenção ter sido construído ali um empreendimento deste porte, haja vista o histórico de fragilidade do convívio social harmonioso entre moradores destes modelos de habitação. Para analisar tais situações, foi feita uma pesquisa de campo no residencial Rubia Kaiser A onde foram colhidas informações necessárias para escrever o presente artigo.

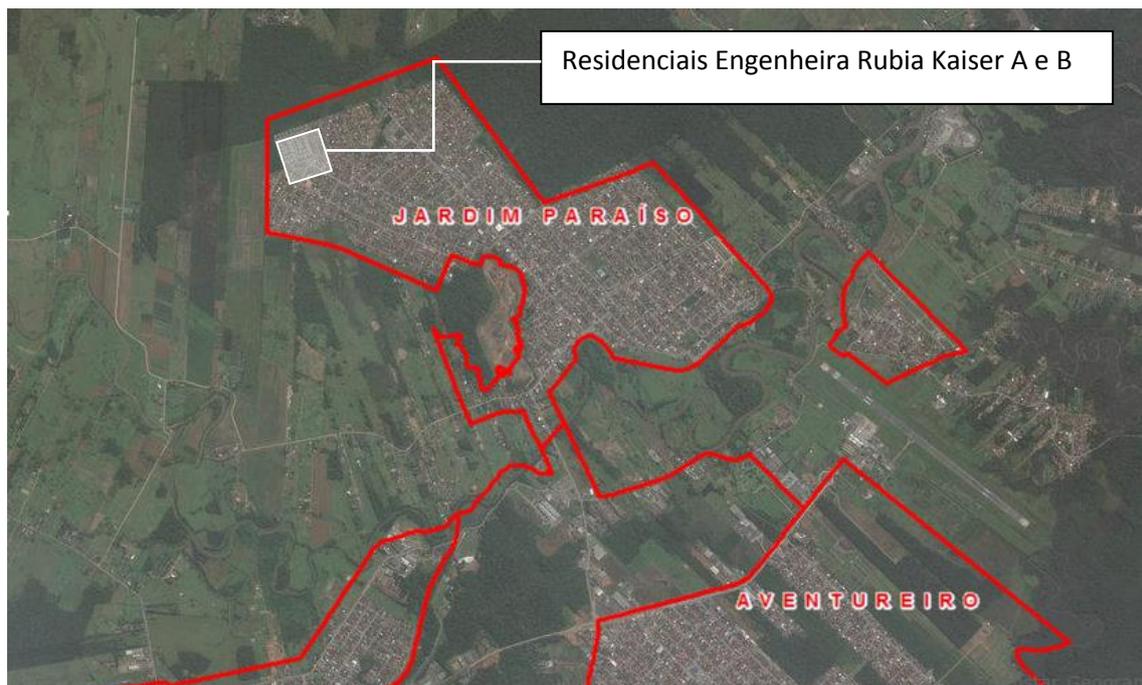


Figura 2 - Localização dos Residenciais Engenheira Rubia Kaiser A e B no bairro Jardim Paraíso (em vermelho limite dos bairros). Fonte: SIMGEO – disponível em <https://simgeo.joinville.sc.gov.br/>.

AS HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL NO BRASIL

De acordo com Bonduki, (2008, p. 72) “O Banco Nacional de Habitação (BNH), criado após o golpe de 1964, foi uma resposta do governo militar à forte crise de moradia presente num país que se urbanizava aceleradamente [...]”. Assim como os países europeus, o Brasil também é afetado pelo mesmo problema de déficit habitacional, devido ao crescimento da área urbana provocado pelo êxodo rural e desenvolvimento industrial no país em meados do século XX, conforme apontam Holz e Monteiro (2016, n.p.). Osório (2004, p.3) apresenta alguns dados numéricos com relação ao aumento da população e taxa de urbanização no Brasil neste período.

No período de 1940-60 a população brasileira passou de 41 milhões para 70 milhões de habitantes, com taxa de urbanização aumentando de 31% para 45%. A este incremento populacional correspondeu um aumento do número de assentamentos irregulares nas cidades e uma extensão irracional da malha urbana que consolidou as periferias como local de moradia da população de menor renda (OSÓRIO, 2004, p. 3).

Voltado para o financiamento e produção de empreendimentos imobiliários, o BNH operou entre os anos de 1964 e 1986, sendo a principal instituição federal de desenvolvimento urbano da história brasileira que tinha por função a realização de operações de crédito, sobretudo, crédito imobiliário. Diferente dos ideais de arquitetos e urbanistas europeus, a produção da habitação social no Brasil não levava em conta os fatores de bem-estar físico e psicológico do ser humano, a iniciativa foi decorrente do interesse político da época.

A famosa frase – ‘a casa própria faz do trabalhador um conservador que defende o direito de propriedade’ – atribuída a Sandra Cavalcanti, primeira presidente do BNH, expressa a preocupação de fazer da política habitacional baseada na casa própria um instrumento de combate às ideias comunistas e progressistas no país, em tempos de guerra fria e de intensa polarização política e ideológica em todo o continente. No entanto, foi o papel econômico desta política habitacional – que dinamizou a economia, através da geração de empregos e fortalecimento do setor da construção civil –, que a transformou num dos elementos centrais da estratégia dos governos militares (BONDUKI, 2008, p.72).

Hoje o BNH não existe mais. O banco decretou falência em 1986 devido a uma série de denúncias de malversação de dinheiro não investigada a fundo até então (JUNIOR, 2016, n.p.). Independentemente do fato, o Banco ajudou muita gente adquirir sua casa própria durante seu período de existência, sendo este “o único em que o país teve, de fato, uma Política Nacional de Habitação” e “nos vinte e dois anos de funcionamento do BNH, o Sistema Financeiro da Habitação financiou a construção de 4,3 milhões de unidades novas” (JUNIOR, 2016, n.p.) porém,

Embora a produção habitacional tenha sido significativa, ela esteve muito aquém das necessidades geradas pelo acelerado processo de urbanização que ocorreu no Brasil, na segunda metade do século XX. Entre 1950 e 2000, a população urbana brasileira vivendo em cidades com mais de 20 mil habitantes cresceu de 11 milhões para 125 milhões (BONDUKI, 2008, p.73).

A CAIXA Econômica Federal é sucessora do BNH, e passa a fazer seu mesmo papel, financiando a compra e produção de empreendimentos

imobiliários a partir de então, mas conforme Cardoso (2016, n.p.), “desde a extinção do BNH, em 1986, até 2008, a habitação social permaneceu relegada a uma posição subalterna na agenda das políticas sociais. Enquanto isso, os problemas habitacionais se agravaram”, até que em 2009, fruto de um diálogo entre os governos do PT e entidades representativas da luta pela moradia, como a União Nacional Por Moradia Popular (UNMP), Central de Movimentos Populares (CMP), Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM) e Confederação Nacional das Associações de Moradores (Conam), nasce o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), que conforme o Artigo 2º da Lei nº 11.977, 7 julho de 2009, pela qual foi implantado o Programa,

O PMCMV tem como finalidade criar mecanismos de incentivo à produção e à aquisição de novas unidades habitacionais pelas famílias com renda mensal de até 10 (dez) salários mínimos, que residam em qualquer dos Municípios brasileiros (BRASIL, Lei nº 11.977,7, 2009, Art. 2º).

Conforme D’Amico (2011, n.p.), o PMCMV compreende dois programas habitacionais: o Programa Nacional de Habitação Urbana (PNHU) e o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), sendo que o PNHU é destinado às famílias com renda mensal de até dez salários mínimos, sendo que aquelas com renda de até seis salários têm direito a subsídios habitacionais do PMCMV, e as com salário entre seis e dez tem condições especiais de financiamento imobiliário com recursos do FGTS. Já o PNHR oferece subsídios aos agricultores para construção de moradia na área rural por meio de aquisição de material de construção. Os recursos financeiros para este programa são oriundos do Orçamento Geral da União (OGU).

Dados revelados pela página eletrônica O Brasil da Mudança (2014, n.p.), expõem que desde sua criação, o PMCMV tem favorecido milhares de famílias, entre os anos de 2009 e 2014, foram 6,8 milhões de beneficiários, mais do que as populações das regiões metropolitanas de Porto Alegre e Recife, sendo que 52% destes tinham renda de até 1.600,00, 39% até 2.375,00 e 9% com renda entre 3.275,00 e 5.000,00 (percentuais baseados apenas nas unidades entregues), 1,7 milhão de moradias entregues, R\$217 bilhões investidos, 1,3 milhão de empregos gerados, 80.000 novas empresas de construção foram

abertas e R\$63 bilhões de renda gerados em toda a economia sendo R\$37,55 só no setor da construção, ou seja, além de benefícios oferecidos a população oferecendo facilidades para aquisição da moradia própria, o programa habitacional também visa o fortalecimento econômico-financeiro do país. Até 2018, na terceira fase do projeto, está prevista a entrega de 6,75 milhões de moradias, atendendo 27 milhões de pessoas.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA PESQUISA DE CAMPO

A habitação social vem sendo discutida há muito tempo, desde o final do século XIX até os dias atuais. É pouco mais de um século de discussão sobre um assunto que ainda parece estar muito longe de terminar tamanha a complexidade do tema. Os projetos do Minha Casa Minha Vida são alvo de críticas quanto à inserção urbana, à qualidade física e dimensional dos espaços projetados, e condição de vida dos moradores no âmbito psicológico, social e espacial³. Além destas críticas, ainda existe o preconceito de grande parcela da população às pessoas que vivem nestas habitações, sendo vistas generalizadamente como marginais e indivíduos de má índole como veiculado em noticiários como o Jornal do Meio-Dia⁴ destaca o preconceito vivenciado pelos moradores do Trentino, o primeiro projeto do MCMV em Joinville, localizado do bairro Boehmerwald na zona sul da cidade.

Com o propósito de conhecer um pouco as condições sob as quais vivem as pessoas que moram em habitações de interesse social, construídas através de recursos do MCMV, as 4^a fases do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Católica de Santa Catarina unidade Joinville, visitaram no dia 27 de agosto/2016 - sábado, o residencial Rubia Kaiser, localizado na rua Calisto, bairro Jardim Paraíso em Joinville. A visita tinha o propósito de nos

³ Autores como BONDUKI, MARICATO, ROLNIK tem vinculado diversos artigos e trabalhos acadêmicos acerca do assunto, dos quais destacamos aqui o trabalho produzido pelo LABHAB FAUUSP: Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano. Parâmetros de qualidade para a implementação de projetos habitacionais e urbanos.

⁴ Transmitido através da emissora RIC-Record em 1º de Janeiro de 2013. Disponível em: <http://ricmais.com.br/sc/cotidiano/videos/moradores-do-residencial-trentino-reclamam-de-preconceito-em-joinville/>.

aproximarmos da realidade dos moradores do conjunto residencial, observar formas de apropriação do espaço construído bem como as dinâmicas sociais, espaços de diálogo e conflitos. A visita foi antecipada de leituras de obras a respeito de habitações de interesse social, bem como dinâmicas e conversas em sala nas aulas de sociologia, lecionada pela professora Gabriella Roesler Radoll.

Ficamos livres para escolher a técnica que achávamos mais adequada para entrevistar os moradores durante a visita, porém esta deveria ser condizente com o objetivo entrevista, bem como a forma de abordagem destas pessoas, pois nestes trabalhos de pesquisa, é necessário que o entrevistador deixe o entrevistado à vontade, sem que este se sinta intimidado e conseqüentemente não responda as questões de forma aberta. Além disto, foi preciso também escolher o público com quem se pretendia trabalhar, homens, mulheres, adultos, crianças, jovens, idosos em fim, a técnica de entrevista assim como a forma de abordagem girava em torno da questão a ser levantada e de quem seriam os entrevistados.

Diante de tantas críticas aos projetos de habitação de interesse social produzidos no Brasil e devido até mesmo, ao preconceito que alguns possuem em relação às pessoas que habitam nestes condomínios residenciais, o objetivo foi conhecer quais as características do projeto implantado com as quais se identificam, quais relações valoram e quais os laços afetivos que estabelecem. Porque o índice de satisfação⁵ é significativo mesmo com uma moradia de dimensões tão reduzidas e apesar das pesquisas de pós ocupação apontarem como esses espaços afetam sensivelmente os moradores fazendo com que se sintam isolados, excluídos da sociedade e por isto, infelizes? Para tanto, foi aplicada a técnica de entrevista aberta, principalmente pelo motivo de deixar o entrevistado livre para falar o que pensa, sem ter que responder perguntas que podem conduzir a respostas pouco efetivas. Conduzindo a entrevista dessa buscava-se deixar o entrevistado também um pouco mais seguro com a abordagem.

A técnica de entrevistas abertas atende principalmente finalidades exploratórias, é bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados. Em relação

⁵ Brasil, Ministério das Cidades /Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2014.

a sua estruturação o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal. A interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante (BONI e QUARESMA, 2015 p. 74).

CONHECENDO DE PERTO

Chegando ao condomínio, fomos direto ao apartamento da síndica que por sinal nos recepcionou extremamente bem, o bloco onde estava seu apartamento ficava mais aos fundos, e durante nosso percurso, desde a entrada do residencial até lá, vários moradores nos observavam da janela dos apartamentos, pareciam curiosos e um tanto intimidadores. Mas a nossa presença, bastante numerosa (com cerca de 40 pessoas) e com nossos olhares curiosos e atentos provocavam essa estranheza aos moradores.

Assim como em qualquer outro condomínio residencial vertical, é proibido que os moradores façam qualquer alteração na fachada das edificações sem autorização majoritária dos condôminos. Pensando no ponto de vista da apropriação dos moradores ao espaço habitacional onde se inserem, este fator pode ser considerado um problema, sendo que, diferente de uma casa térrea inserida em um lote onde os proprietários têm liberdade para alterar suas fachadas e até mesmo sua volumetria, nestes condomínios as pessoas são obrigadas a aceitar suas tipologias que são fixas e inalteráveis. Porém, independente de tudo, o ser humano tem a necessidade de exteriorizar sua identidade, criando, através desta, relações com o entorno e enraizando-se no meio onde vive, ou melhor, 'Identidade de Lugar', em seu termo original 'place identity' utilizado por Proshansky (1978) em sua obra *The city and self-identify* para definir a incorporação do indivíduo em determinado lugar (HAUGE, 2007, pg. 4). Um fato interessante observado nas escadarias dos blocos foi a personificação das portas dos apartamentos com guirlandas, vasos de plantas e tapetinhos ou capachos com dizeres de 'seja bem-vindo', este é o pequeno e

único espaço onde os moradores podem ter esta exteriorização de sua identidade, e se apropriam deste de forma bastante curiosa.

Chegando ao apartamento da síndica, nos acomodamos dentro do pequeno espaço de sua sala de estar/jantar para uma conversa sobre assuntos gerais sobre o condomínio. No momento estava fazendo as unhas, ela sentada em uma banquetta e a manicure no sofá ainda terminando seu serviço, as duas não demonstraram constrangimento algum, era como se fossemos conhecidos ou até mesmo seus familiares, nos organizamos de pé entorno dela e começamos a conversa. Primeiramente a mesma se apresentou falando basicamente sobre seu trabalho como síndica do Residencial Rubia Kaiser A e um pouco da infraestrutura do local e, após isto, ficou aberta para responder qualquer pergunta que quiséssemos fazer. A gentileza e cordialidade com que ela nos recebeu em seu próprio apartamento foi excepcional, e fez com que nos sentíssemos em nossa própria casa.

Viver em sociedade não é uma tarefa fácil para qualquer pessoa, se alguns já se incomodam com vizinhos de muro, que dirá dos vizinhos de parede ou bloco no caso dos condomínios residenciais. Segundo informações nos relatada na entrevista são 2.300 pessoas morando no conjunto Residencial Rubia Kaiser A⁶. São 2.300 opiniões, forma de pensar, temperamentos e cabeças diferentes convivendo em um mesmo espaço, portanto, é impossível que não haja algum desentendimento entre os moradores em algum momento. Apesar dos desacordos entre os condôminos, em um condomínio deve ser prezado o respeito entre as pessoas que compõem sua população. Independentemente de suas diferenças, é preciso respeitar a opinião do outro e obedecer às regras e códigos de conduta internos, mas isto nem sempre acontece de fato. Conforme nos é relatado, os principais problemas no residencial estão relacionados ao descumprimento de regras do condomínio são: som alto e soltar pipa (este último devido aos perigos do cerol). Quanto ao som alto, a síndica diz que a única forma de intervir quando há o descumprimento desta regra é se dirigir até os infratores (na maioria, jovens) e através do diálogo fazer com que abaxem o

⁶ Do complexo ainda faz parte o residencial Rubiá Kaiser B, separado fisicamente (por cercas e muros) e com outra estrutura organizacional: outro síndico, outro núcleo de portaria, prestadores de serviço, entre outros.

volume. Já o problema das pipas, até um tempo atrás buscou-se a partir do diálogo minimizar o problema. Na ocasião da entrevista, o problema havia sido sanado por uma ação criada por ela própria. Uma vez por mês era organizada uma sessão de cinema na área de festas do condomínio para as crianças com pipoca, cachorro quente e refrigerante, em troca, elas não podem soltar pipa, caso o acordo seja quebrado, a sessão de cinema não acontece. Para viabilizar o evento, empresas que prestam serviços para o condomínio ajudam financeiramente.

Os problemas apresentados anteriormente foram relacionados a quebra de regras por parte de um público em sua grande maioria composta por jovens e crianças, porém, os adultos também cometem suas infrações. Objetos pendurados na janela dos apartamentos também não são permitidos de acordo com as regras do condomínio, mas, ocasionalmente é comum ver toalhas ou roupas estendidas no parapeito e até mesmo colchões pendurados, como relata a síndica, além de afetar a estética, esta ação não é permitida pelo fato dos objetos poderem cair e conseqüentemente atingir ou machucar alguém lá embaixo. Além disto, também existe o problema das brigas de casais, geralmente motivado por embriaguez do parceiro, conforme ela relata. O condomínio também tem uma regra bem clara quanto a cultos religiosos que são proibidos de acontecer nas áreas comuns do condomínio, independente da instituição religiosa “se liberar para um tem que liberar pra todos”. Certo dia, durante a madrugada, moradores de outros blocos ligaram para ela relatando que ouviam gritos vindos de determinado apartamento, chegando lá para saber o que estava acontecendo, descobriu que um dos condôminos estava “expulsando o capeta” de outra pessoa. Educadamente, a síndica solicita apenas que os moradores mantenham o silêncio. Dentro dos apartamentos é autorizado o evento de cultos religiosos, desde que mantenham a conduta e respeitem as regras impostas pelo condomínio, bem como o sossego de seus vizinhos.

A segurança é um dos principais cuidados a ser tomado no conjunto, questionada sobre já ter sofrido ameaças de morte de algum condômino ela responde que sim. Ser responsável por um condomínio de mais de 2.000 pessoas não é uma tarefa fácil, porém, tem consciência da responsabilidade que lhe foi

atribuída, ela relata ter medo, contudo segue as atividades e, quando necessário, um segurança a acompanha em suas intervenções. Mesmo diante deste fato, relata que nenhuma morte ou violência tenha acontecido dentro do condomínio, a única ocorrência que se tem é de um homem que se suicidou por motivos pessoais.

Como já apontado anteriormente, diversos estudos apontam a falta de infraestrutura dos terrenos que recebem os conjuntos habitacionais MCMV faixa 1, implantados usualmente nas periferias das cidades onde há precariedade de serviços públicos básicos para uso da população em termos de quantidade suficiente para atender a demanda demográfica ou simplesmente não possuem alguns destes serviços, porém, o residencial Rubia Kaiser, segundo relato da própria síndica, é muito bem atendido quanto aos equipamentos de uso público. Próximo dali, tem 5 postos de saúde onde são bem assistidos pelos profissionais da saúde, no entanto, as especialidades de ginecologista e odontologia ainda faltam para atender a demanda, escolas de ensino primário e secundário além de uma creche, que fica mais longe, mas fornece aos moradores do condomínio uma Kombi que leva e traz as crianças todos os dias, seu período de funcionamento é das 7:00h. às 17:30h. Transporte público também é um serviço do qual os moradores não apresentam queixas, bem em frente ao residencial, há um ponto de ônibus por onde passam três linhas diferentes em um intervalo de 15 em 15 minutos. Pelo menos no que diz respeito a saúde, educação e transporte, três serviços básicos e necessários para uma população, os residentes do condomínio estão sendo assistidos. Mas não é só isto, ali perto também tem mercados, farmácias, panificadoras, igrejas entre outros serviços. Serviços esses já existentes antes da implantação do condomínio.

Depois da conversa que tivemos com a síndica, fomos passear pela área do condomínio para conhecer como eram os espaços de uso comunitário do residencial e ficamos livres para visitar apartamentos de outros moradores que se dispusessem a nos receber para uma entrevista, mas evitando alguns blocos onde relatavam viver pessoas mais problemáticas do condomínio. Durante o passeio pelo pátio, percebi, assim como todo o grupo, que faltam áreas verdes, todo o pátio é calçado com lajotas sextavadas, uma característica útil pelo fato

dos carros serem estacionados no próprio pátio (residenciais do MCMV não possuem garagens cobertas), as bordas do terreno o espaço entre blocos e o recuo da testada tem gramado, sendo que este último possui maior quantidade de plantas, arbustos e algumas palmeiras. Questionada sobre a possibilidade de, através de uma iniciativa das turmas de arquitetura, arborizar os espaços gramados com pequenas mudas e promover algum tipo de conscientização dos moradores ao cuidado com a natureza, a síndica disse que não podem ser plantadas árvores pelo fato de suas raízes comprometerem a estrutura dos edifícios, é permitido apenas o plantio de pequenas espécies. Quanto ao mobiliário de entretenimento para crianças e jovens, notei que são poucos, visto que a população destes no condomínio é grande, mas segundo informações da síndica, o parque passará por reformas e será inaugurado dia 12 de outubro (dia das crianças)⁷. Já as áreas de festa e quiosques parecem em quantidade necessária, visto também que, no caso dos quiosques, são espaços pequenos, apenas com o espaço de uma churrasqueira e uma pequena bancada, promovendo certa integração entre moradores⁸. Observando de forma geral, percebe-se que este grupo de atividades localizado no espaço central rodeado pelos blocos gera a vida daquela área, onde moradores interagem um com os outros através destas, mas ao mesmo tempo permitem a propagação de ruído dessas áreas aos apartamentos do entorno.

Depois de algum tempo, eu outras três acadêmicas (Jackeline, Rafaela e Letícia) nos reunimos para visitar o apartamento de Dona Dolores de 68 anos, uma senhora a qual a própria síndica havia comentado sobre ela, que seria muito receptiva caso quiséssemos visitá-la, podíamos ir que a mesma nos receberia. Ao tocarmos a campainha ela atende a porta, nos apresentamos e ela nos convida para entrar. De imediato percebe-se o cuidado que tem com seu apartamento, era uma típica casa de vó, muitas plantas, alguns pequenos brinquedos espalhados pelo sofá (dos netos e bisnetos que, segundo ela, tem 20 e 15 sucessivamente) a toalha na mesa, enfim, era um pequeno espaço

⁷ Uma ação junto ao CAUAC (Centro Arquitetônico e Urbanístico de Apoio à Comunidade formado por acadêmicos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Católica de Santa Catarina) promoveu a construção de mobiliário para as áreas livres do residencial

⁸ No entanto, em nenhuma visita realizada observou-se o uso desses espaços.

acolhedor. Questionada sobre como é viver no condomínio e como se sente vivendo naquele espaço, ela diz que gosta muito dali, e que não tem problema nenhum com o lugar. Sobre sua família, relata que todos moram na zona sul, local onde também morava antes de mudar-se para o Rubia Kaiser junto com um de seus filhos, e que prefere morar sozinha, junto de Zeca Moisés, seu cão fiel e companheiro. Relata preferir assim a morar junto com os filhos, cujos modos de vida são diversos. Ela ainda acrescenta que ali ela é mais independente, dorme e acorda cedo, assiste televisão, come e sai de casa a hora que quer, e é isto que ela gosta. “Dia de semana vocês não me encontram em casa”, disse, revelando também que não conhece os blocos mais ao fundo do residencial e nem muitas pessoas de lá, diz que sempre que vai passear, passeia fora do condomínio.

O PARAÍSO PODE SER UM PARAÍSO

Terminada a nossa visita no residencial Rubia, fomos até a sede da associação de moradores do Jardim Paraíso para conversarmos com seu presidente. Segundo ele, o espaço da sede existe desde 1992, a empresa Universal Tabacos quando instalou uma filial na cidade, ajudou na reestruturação da associação, construindo um espaço para festas (bastante procurado pelos moradores) e reformando as quadras e brinquedos do parquinho infantil, que hoje já estão um tanto deteriorados. Questionado sobre o que achava de terem implantado o residencial no bairro, o presidente diz que ele, assim como boa parte dos moradores, não concordou com a ideia, disse que a criminalidade aumentou a partir da chegada dos novos moradores ao condomínio e acrescenta que o bairro não foi estruturado para receber esse acréscimo significativo de pessoas. O residencial Rubia Kaiser A e B somam juntos cerca de 4.200 moradores o que corresponde a cerca de 22% do total de moradores do bairro⁹. Além de tudo, diz que até então o objetivo do condomínio seria tirar as famílias da favela que existe no bairro e abrigar estas no novo espaço, porém

⁹ Segundo o Joinville Bairro a Bairro (SEPUD, 2017) o bairro do Jardim Paraíso tinha cerca de 18.600 pessoas em 2016.

isto não aconteceu, ele diz que nem todas as famílias da favela foram transferidas para o residencial e que ainda deram espaço para famílias que nem eram de Joinville. Já Dona Conceição, síndica do Rubia, disse que todos os condôminos são de Joinville, e conforme regras da própria Secretaria de Habitação, há uma avaliação para a seleção das famílias que irão morar no residencial. Quanto a violência, como já foi dito aqui, nunca houve ocorrência de crime cometido dentro do condomínio e não há provas de que o índice de criminalidade no bairro tenha aumentado por conta do Rubia, este é um caso que precisa ser melhor avaliado. Além de tudo o residencial não faz parte da associação do Jardim Paraíso, um fato bastante curioso visto que o mesmo também faz parte do bairro. Ainda segundo o presidente, todos os crimes cometidos no bairro são comunicados ao Governo do Estado, porém nem sempre são correspondidos com alguma solução, o bairro conta somente com um posto policial e uma só viatura, que segundo ele não dá conta de cuidar da segurança dos moradores, sendo necessário as vezes chamar reforços de outros bairros. Sobre morar ali ele é enfático ao dizer “é bom morar aqui, não troco o bairro por outro nenhum”, percebe-se o carinho e amor que os moradores tem pelo bairro mesmo enfrentando tantos problemas relacionado ao descaso e preconceito. Em relação ao transporte público, diz que “sobre isto não dá para se queixar”, são bem atendidos pelo serviço, já com relação ao saneamento básico, este ainda é um sério problema do bairro além das poucas opções de lazer, a praça da associação de moradores é a única do bairro, e não consegue atender a todos os moradores. Além disto, diz que as crianças e jovens do bairro adoram futebol, há uns anos atrás, inclusive, haviam torneios interbairros de futebol de areia, e o Jardim Paraíso foi campeão por 23 anos.

Quando fomos comunicados sobre a visita que faríamos ao residencial Rúbia Kaiser, a turma ficou um tanto quanto surpresa, além da má fama do próprio residencial, este ainda era somado ao fato dele estar implantado no bairro Jardim Paraíso, conhecido por todos como o bairro mais perigoso e violento de Joinville. As notícias relatadas por veículos de informação como jornais e noticiários são muitas vezes veiculadas para evidenciar os conflitos urbanos nesses bairros, com enfoque no tráfico de drogas e assassinatos, o que

corroborar para o estigma de violência a todo bairro e a toda sua população. Um dos moradores depõe sobre o preconceito vivenciado pelos moradores.

O preconceito com o bairro é sentido pelos moradores, no dia a dia. Às vezes, é uma pizzaria que não faz entregas no Paraíso, ou uma loja que prefere terceirizar ou evitar entregar um móvel ou equipamento. 'As piadas pejorativas contra os moradores e o bairro são frequentes. Sempre tem um ou outro que fica abismado ou assustado em saber que a gente vive aqui. Estas pessoas estão erradas, porque aqui é um bom lugar para se viver', pontua a técnica de enfermagem Talita Campo, 32 (NOTÍCIAS DO DIA ON-LINE, 2016).

CONSIDERAÇÕES

Mesmo sendo um bairro carente e estando longe do centro da cidade e, por consequência, de alguns serviços que só são encontrados por lá, o Jardim Paraíso é, ao olhar dos moradores entrevistados, um bairro que supre as necessidades cotidianas, ponto de vista esse não compartilhado pelos demais moradores do bairro, que sofreram o impacto do aumento do número de moradores sem que isso refletisse em maiores investimentos em infraestrutura local.

A infraestrutura local sobrecarregada aumenta o preconceito com os moradores "de fora", que habitam no residencial implantado no bairro, Haja vista os problemas de convívio social existentes dentro destes condomínios de HIS produzidos pelo programa MCMV, sua implantação dentro de um bairro que enfrenta problemas sociais relacionados a falta de segurança e violência acaba sendo um tanto temerosa pelas grandes chances do residencial acabar piorando a situação já vivida no local, e a partir da análise do Residencial Rubia Kaiser chamou atenção o fato das coisas funcionarem pacificamente, mas não sem conflitos, dentro do empreendimento. Porém, em uma visita ao condomínio neste ano (2017) percebeu-se uma situação bem diferente.

Os conflitos internos se agravaram o que culminou no afastamento da síndica (com quem realizamos a entrevista) e esta encontra-se fora do condomínio, pois teve sua integridade física ameaçada (segundo relatos dela)¹⁰.

¹⁰ O acontecimento foi veiculado no noticiário com a seguinte manchete: "Após chegada da PM, festa em Joinville termina com tiros, balas de borracha e detidos". A suposta festa relatada no texto era, de acordo com os relatos

Em conversa com agentes sociais fica claro que o cargo de gestão dos diversos condomínios residenciais (como Trentino e Maria da Graça, ambos direcionados a faixa 1 no município de Joinville) passam por diversas dificuldades, o cargo tem muita rotatividade e as ameaças constantes que estes gestores sofrem são relatadas como uma das razões para esse afastamento.

Em relação ao espaço construído verificou-se de maneira geral que o espaço dos apartamentos chega a ser, em alguns casos, claustrofóbico. Levando em consideração que os mobiliários de grande parte dos apartamentos são adquiridos em lojas populares com padrão dimensional um tanto exagerado, a ergonomia dos espaços acaba sendo mais comprometida. As áreas sociais do residencial merecem maior atenção no projeto já que falta espaço nos apartamentos, estimulando também convívio social entre os moradores.

A cada ano, mais projetos de HIS são construídos no Brasil, e junto com cada projeto executado novos problemas no pós-ocupação surgem nestes empreendimentos. Patologias sociais acabam sendo comum em ambientes de vulnerabilidade social. É relevante acompanhar de perto a ocupação destes locais para que se possa chamar atenção para um problema grave de projeto das Habitações Sociais do Brasil, que ao mesmo tempo que buscam resolver o problema do déficit habitacional, contribuem para o surgimento de outros. A pesquisa será continuada para acompanhar depois da eclosão recente das complicações sociais internas.

ouvidos, a comemoração do afastamento da síndica. <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/09/apos-chegada-da-pm-festa-em-joinville-termina-com-tiros-balas-de-borracha-e-detidos-9892624.html>.

Referências

- BONDUKI, Nabil. **Política habitacional e inclusão social no Brasil**: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula. In: Revista eletrônica de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, n. 1, p. 70-104, 2008. Disponível em: http://www.usjt.br/arg.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf. Acesso em: 11 set. 2016
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese, Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, 2005. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976> >. Acesso em: 18 set. 2016.
- BRASIL, MINISTÉRIO DAS CIDADES /SECRETARIA DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Pesquisa de satisfação dos beneficiários do programa Minha Casa Minha Vida/ editado por Fernando Garcia de Freitas e Érica Negreiros de Camargo – Brasília, DF: MCIDADES; SNH; SAE-PR; IPEA, 2014.
- CARDOSO, Adalto Lucio. **Desafio da habitação**: a realidade da moradia no Brasil. 2012. Artigo. Disponível em: <http://observatoriodasmetropoles.net/index.php?option=com_k2&view=item&id=370%3Adesafios-da-habita%C3%A7%C3%A3o-a-realidade-da-moradia-no-brasil&Itemid=165&lang=pt> Acesso em: 18 set. 2016.
- CUNHA, Soraya Leana Cortez Jacinto da Cunha. **Programa “Minha Casa, Minha Vida” Em Parnamirim-Rn: Uma Avaliação De Impacto A Partir Da Satisfação Dos Moradores Do Residencial Iderval Medeiros**. 2012. 109 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Gestão de Políticas Públicas) - Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/dpp/gpp/TCC/2013/arquivos_downloads/DA_CUNHA_Soraya_Leana_Cortez_Jacinto.Programa_Minha_Casa_Minha_Vida_em_Parnamirim.pdf> Acesso em: 13 set. 2016.
- D’AMICO, Fabiano. **O Programa Minha Casa, Minha Vida e a Caixa Econômica Federal**. Curitiba, 2011. Disponível em: <http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201109261251530.LivroCAIXA_T_0_033.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016
- HAUGE, Ashild Lappegard. Identity and Place: A Critical Comparison of Three. **Architectural Science Review**. 2007. Pg. 1-15, mar. 2007. Disponível em: < <https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://faculty.arch.utah.edu/benham/group%25203/Place-Identity.pdf&prev=search> > Acesso em 15 jun. 2017
- HOLZ, Sheila y MONTEIRO, Tatiana Villela de Andrade. **Política de habitação social e o direito a moradia no Brasil**. Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales, 1999-2008. Actas del x coloquio internacional de geocrítica, Universidad de Barcelona, 26-30 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/158.htm>>. Acesso em: 11 set. 2016.

- JUNIOR, Luiz Paulo. **A História do BNH. Banco Nacional de Habitação**. 2015. Artigo. Disponível em: <<http://www.resimob.com.br/a-historia-do-bnh-banco-nacional-de-habitacao/>>. Acesso em: 11 set. 2016.
- LABHAB. Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano. Parâmetros de qualidade para a implementação de projetos habitacionais e urbanos. Coordenador João Sette Whitaker Ferreira. São Paulo: LABHAB; FUPAM, 2012
- MEIO-DIA, Jornal do. Moradores Do Residencial Trentino Reclamam De Preconceito, Em Joinville. Joinville, 2013. Disponível em: <<http://ricmais.com.br/sc/cotidiano/videos/moradores-do-residencial-trentino-reclamam-de-preconceito-em-joinville/>> Acesso em: 12 set. 2016.
- MINHA Casa Minha Vida. Disponível em: <<http://www.minhavidaminhacasa.com/>> Acesso em: 10 set. 2016
- O POVO em Primeiro Lugar: Minha Casa Minha Vida. Instituto Lula, 2014. Disponível em <<http://www.brasildamudanca.com.br/minha-casa-minha-vida/minha-casa-minha-vida>> Acesso em: 18 set. 2016
- OSÓRIO, Letícia Marques. Direito à moradia no Brasil. **Fórum Nacional de Reforma Urbana**. 2004. Disponível <em: <http://www.forumreformaurbana.org.br>> Acesso em: 11 set. 2016.
- PRADO, Windson (repórter). **Moradores Revelam Porque O Bairro Jardim Paraíso É O Seu Paraíso Muito Particular**. Joinville: Notícias do Dia, 2016. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/joinville/noticias/moradores-revelam-porque-o-bairro-jardim-paraíso-e-o-seu-paraíso-muito-particular>> Acesso em: 16 set. 2016.
- SEPUD, Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável. **Joinville Bairro a Bairro**. Joinville: Prefeitura Municipal, 2015. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Joinville-Bairro-a-Bairro-2015.pdf>> Acesso em: 16 set. 2016
- SEPUD, Secretaria de Planejamento Urbano e Desenvolvimento Sustentável. **Joinville Bairro a Bairro**. Joinville: Prefeitura Municipal, 2017. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Joinville-Bairro-a-Bairro-2017.pdf>> Acesso em: 06 out. 2017